

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL
UNIVERSIDADE CORPORATIVA DO VOLEIBOL
COMISSÃO NACIONAL DE TREINADORES



**O PAPEL DE CADA JOGADOR
E A INDIVIDUALIZAÇÃO DA RECEPÇÃO**

Por

RICARDO ROYES DOS SANTOS DE MOURA

MARCUS ANTÔNIO BICHINI JUNIOR

ROBSON LUIZ RODRIGUES

Janeiro

2020

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL
UNIVERSIDADE CORPORATIVA DO VOLEIBOL
COMISSÃO NACIONAL DE TREINADORES



Professores Orientadores

Luiz Delmar da Costa Lima
Pós-Doutorado em Atividade Física e Saúde

João Crisóstomo Marcondes Bojikian
Mestre em Educação Física

Janeiro
2020

O PAPEL DE CADA JOGADOR E A INDIVIDUALIZAÇÃO DA RECEPÇÃO

Ricardo Royes dos Santos de Moura

Marcus Antônio Bichini Junior

Robson Luiz Rodrigues

RESUMO:

Nas mudanças mais atuais do voleibol, principalmente voltadas ao tema do trabalho que é a recepção, podemos começar pela inclusão do líbero, jogador especializado nas funções defensivas. Essa mudança se deu por duas características do desenvolvimento da modalidade, a preparação física que tornou as ações ofensivas mais efetivas pela potência do ataque, a impulsão dos atletas e conseqüentemente a velocidade das jogadas. A segunda mudança física que motivou a criação da posição de líbero foi o aumento da estatura média dos jogadores que junto com a velocidade das jogadas e a potência do saque, tornou as ações de ataque muito mais eficientes do que as ações defensivas. Tratando mais especificamente da recepção e de uma tendência atual das equipes de voleibol que é a inclusão de todos os 6 jogadores na condição de passadores no momento do saque adversário, este trabalho descreve sobre o papel e a individualização de cada jogador dentro dessa tendência. Devido as características dinâmicas que envolvem a modalidade de voleibol por suas ações rápidas e atos de rebater, estruturar cientificamente cada vertente ou gesto do voleibol torna-se imprescindível. Sendo assim, esse trabalho tem o objetivo de através de uma revisão bibliográfica analisar as responsabilidades e as diferentes funções dos jogadores de voleibol no momento da recepção/passe em quadra nas 6 seis diferentes formações, respeitando a individualização de cada atleta na recepção, levando em consideração características físicas, técnicas e psicológicas.

Palavras Chave: Voleibol. Passe. Recepção

1 INTRODUÇÃO

O voleibol é historicamente conhecido pelas suas constantes mudanças com o intuito de melhorar o esporte em si ou até mesmo com objetivo de melhorar o espetáculo para aqueles que assistem. A complexidade de aprendizado dos fundamentos do voleibol também é uma característica conhecida por todos os adeptos ao esporte e profissionais da área que tem conhecimento dos conceitos e características da aprendizagem motora. Sendo a recepção o fundamento analisado, podemos caracteriza-la como uma habilidade motora manipulativa, discreta e aberta. Segundo Gallahue (2008) habilidades manipulativas referem-se aos movimentos que envolvem dar força a objetos ou receber força dos mesmos, discretas têm como característica início e fim bem definidos, são breves em duração e costumam ser simples e objetivas de acordo com Schmidt e Wrisberg (2001) e uma habilidade aberta ainda segundo Schmidt e Wrisberg (2001) é uma habilidade executada em ambiente imprevisível ou que está em movimento e que requer que as pessoas adaptem seus movimentos em resposta às propriedades dinâmicas do ambiente. Segundo Frönher (2012) “A recepção é um momento no qual a equipe se prepara para organizar o ataque que possibilita a sequência da disputa do ponto e, conseqüentemente, do jogo, pois se configura em interceptar o saque adversário e evitar que a bola toque o solo. Assim, é por meio dessa ação que a organização ofensiva da equipe é formada, caracterizando-se como uma ação chave para a continuidade do jogo.” É baseado nesse conceito que o voleibol atual entende a necessidade da inclusão de mais jogadores na recepção devido a potência e efeitos do saque que causam maior dificuldade nesse fundamento, pela importância que a mesma deve ter em qualidade para que se possa ainda assim oportunizar a maior variedade de ataques possível em cada “rally” (conceito que define a bola em jogo no voleibol).

Um dos conceitos fundamentais da Psicologia Analítica, no qual consideramos um dos grandes pilares de sustentação da teoria desenvolvida por Carl Gustav Jung (1875-1961) trata-se do processo de Individuação. Quando se trata da individualização dessas ações, torna-se indispensável uma análise breve sobre esse conceito e suas características influenciadoras em uma situação de jogo coletivo. Para Jung, o processo pelo qual a consciência de um indivíduo se individualiza ou se diferencia das outras é o processo de individuação. Na concepção de C. G. Jung, o termo ‘individuação’ nos remete a um processo através do qual o ser humano se torna realmente um ‘indivíduo psicológico’, ou seja, ele se transforma em uma unidade autônoma e indivisível, se tornando uma totalidade. O conceito junguiano de individuação consiste no processo em que uma pessoa se torna um indivíduo, uma unidade ou um todo

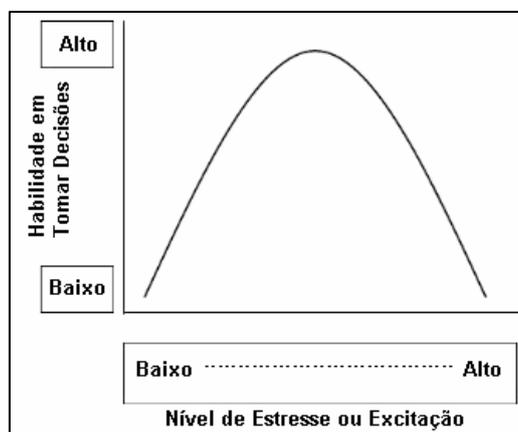
separado e indivisível. Também são determinantes e devem ser levadas em consideração para a caracterização de cada jogador e a individualidade da recepção, nesse caso, tratando-se do atleta na recepção, algumas habilidades mentais que devem ser desenvolvidas e outras potencializadas. Segundo Moran (2013) concentração se refere à capacidade de uma pessoa exercer esforço mental deliberado sobre o que é mais importante, em qualquer situação, e uma das características mais marcantes que se exige de um bom passador é que seja um atleta extremamente concentrado, e dentro de um contexto mais esportivo podemos definir concentração em quatro partes: Focalização nos sinais relevantes no ambiente (atenção seletiva); Manutenção daquele foco de atenção por todo o tempo; Consciência da situação e dos erros de desempenho e a mudança do foco de atenção quando necessário.

Outra habilidade mental a ser desenvolvida é a resiliência. Resiliência é um termo originário da física e está relacionado com a propriedade que alguns corpos apresentam de retornar à forma original após terem sido submetidos a uma deformação elástica, na psicologia, resiliência é a capacidade de o indivíduo lidar com problemas, adaptar-se a mudanças, superar obstáculos ou resistir à pressão de situações adversas, choque, estresse, algum tipo de evento traumático, sem entrar em surto psicológico, emocional ou físico, encontrando soluções estratégicas para enfrentar e superar as adversidades. Gentry e Kosaba (1979), caracterizam uma pessoa como resiliente se tiver três traços: Senso de controle pessoal sobre eventos externos; Senso de envolvimento, compromisso e propósito na vida cotidiana e flexibilidade de se adaptar a mudanças inesperadas, percebendo-as como desafios ou oportunidades de maior crescimento. Sendo assim, avaliamos a resiliência como uma das principais características psicológicas para o atleta com grande responsabilidade na individualidade da recepção.

Um fator emocional importante nos atletas com características de bons passadores é o estado de ativação em que o mesmo deve se encontrar, fazendo uma relação com a situação do jogo, podemos dizer que o atleta deve estar ativado, mas não ansioso, e nunca relaxado. Segundo Robert S. Weinberg e Daniel Gould (2017) ativação é uma combinação de atividades fisiológicas e psicológicas em uma pessoa e refere-se a dimensões de intensidade da motivação em determinado momento. Ansiedade é um estado emocional negativo em que sentimentos de nervosismo, preocupação e apreensão são associados à ativação ou excitação do corpo. Muitos psicólogos do esporte voltaram-se para a hipótese do U invertido para explicar a relação entre estados de ativação e desempenho (Landers e Arent, 2010). Em termos psicológicos, a ativação aumentada causa um estreitamento do campo de atenção, que influencia negativamente o desempenho em tarefas que requerem um foco externo amplo. Quando a ativação é grande, os atletas tendem também a esquadrihar o ambiente de jogo menos frequentemente. Devemos

desenvolver no treinamento a capacidade de ativação no ponto ideal e manter durante as adversidades e duração da partida, o que favorece a tomada de decisão (desempenho). O atleta tem que estar bem treinado, o que melhora a sua segurança, possibilitando a confiança. O desenvolvimento das habilidades mentais entra para ajudar neste processo.

Teoria do U invertido



Fonte: Landers e Arent, 2010

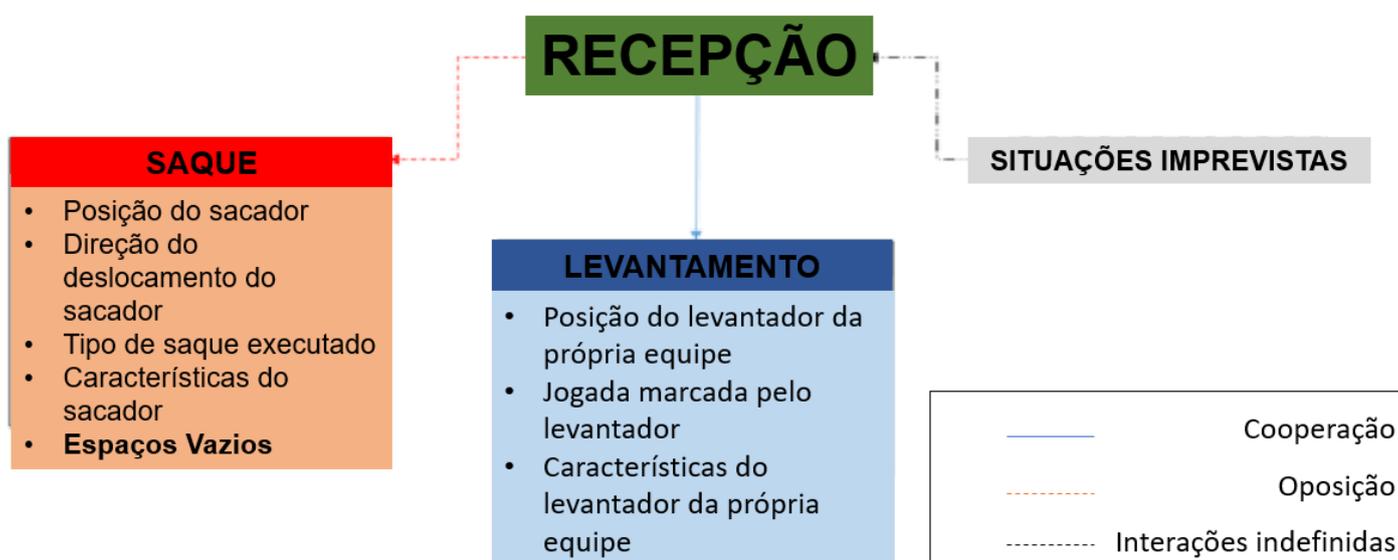
Este estudo se baseia nas situações de jogo em que visualizamos erros que atletas cometem a partir da dificuldade de recepção, seja por deficiência cognitiva de análise de trajetória da bola, a dificuldade em compreender, identificar a zona de conflito ou a preparação inadequada para receber uma bola que poderá tocar a rede, alterando sua velocidade ou direção. A percepção de que esses equívocos não podem acontecer dentro da partida de voleibol, foi o que nos motivou a analisar esses fatores e buscar identificar quais as diretrizes da aprendizagem motora e do treinamento podem nortear os trabalhos dos treinadores com o objetivo de minimizar ao máximo os erros de recepção pelos motivos já citados.

2 DESENVOLVIMENTO

Com o intuito de caracterizar os atletas por questões não somente físicas mas também psicológicas dentro da equipe de voleibol, um fator importante pra definição de suas posições de jogo em quadra, o que determina cada setor de recepção em cada rotação no momento do saque, também podemos citar cinco vetores comuns nesse fundamento da recepção, decisivos para que o atleta obtenha sucesso nessa função, como visualização, tomada de decisão, deslocamento, preparação e devolução. Como visualização, caracterizamos uma ação da visão que permite o reconhecimento de informações, estando condicionada a cognição humana, esse é o momento em que o atleta observa o saque e suas variáveis pertinentes a sua próxima ação.

A tomada de decisão é a fase em que após feitas avaliações sobre as características do sacador, do saque, a velocidade da bola, sua direção entre outros o jogador define qual seus movimentos serão mais apropriados para obter sucesso na recepção, o deslocamento é o início dos gestos motores se dirigindo a bola procurando realizar o que sua análise cognitiva definiu como gesto mais adequado, a postura e posicionamento final para efetuar o passe chamamos de preparação e o gesto de passar a bola ou servir ao levantador, ou seja o final das ações de todo processo de recepção chamamos de devolução ou entrega.

Segundo Fagundes *et al.* (2017, p.234), na imagem é possível verificar a interação motriz de comunicação entre a recepção e o levantamento e a de contra comunicação entre o saque e a recepção. Além disso, é possível evidenciar os elementos relevantes para tomada de decisão da recepção



Dentro do papel de cada jogador na recepção, existem jogadores com maior responsabilidade nesse fundamento e outros considerados passadores auxiliares, os jogadores com maior responsabilidade são normalmente os ponteiros e o líbero. Os ponteiros que além de serem especialistas em ataque, principalmente na posição 4 (entrada de rede) da zona de ataque, também compõe a linha de “bloqueio” junto com o central. Na zona de defesa o ponteiro se destaca como um bom passador, ocupando a linha de recepção do saque junto com o outro ponteiro e o líbero que é um jogador especialista na recepção e defesa, atuando apenas no fundo de quadra (posições 1, 6 e 5). Podemos considerar passadores auxiliares as outras posições em quadra, que alteram suas responsabilidades conforme a situação ou posição dentro do rodízio que sua equipe se encontra, nesse caso são eles, o oposto, cujo termo vem justamente

do fato dele se posicionar sempre na posição oposta ao levantador, facilitando assim que ele receba o maior volume de bolas para atacar. Na zona de defesa o oposto normalmente não participa da recepção do saque, ficando escondido atrás do ponteiro e do líbero, se movimentando para fazer o ataque atrás da linha dos 3 metros próximo a posição 2, porém, como passador auxiliar atua com o objetivo de reduzir a área de recepção dos passadores principais, ponteiros e líberos, formando juntamente com os mesmos uma linha com quatro recebedores. O central, que se posiciona no centro da rede ou zona de ataque (posição 3), é protagonista nos bloqueios e responsável por atacar a bola de 1º tempo, o ataque curto e rápido próximo a rede, na zona de defesa (posições 5, 6 e 1) o central quase sempre é substituído pelo líbero, pois, raramente, um central tem como características técnicas ser um bom defensor ou passador, como passador auxiliar, o central fica responsável pelas bolas curtas dentro da sua área de deslocamento para o ataque, que podem vir de maneira intencional, como opção estratégica do adversário (menos comum no masculino), ou como consequência da perda de velocidade da bola por um toque na rede da mesma. O levantador que é o cérebro de uma equipe, pois ele é o responsável por armar as jogadas ofensivas, é quem vai decidir se a equipe vai realizar uma jogada mais rápida ou mais lenta no ataque, mas na situação de recepção atua de forma esporádica em que a bola cai justamente a sua frente, podendo ser um saque extremamente curto ou, mais comum, que é quando o saque toca a rede e perde potência caindo a sua frente. As responsabilidades dos jogadores em assumir determinado espaço da quadra no momento da recepção são referenciados por diferentes fatores, como as opções táticas do treinador, que pode definir as regiões de responsabilidade, para potencializar o ataque da equipe minimizando a responsabilidade do jogador que provavelmente receberá o levantamento nesse caso, as características do saque, baseada em análise de desempenho do saque do adversário e na potência e velocidade do saque que dificulta o deslocamento e posicionamento dos jogadores na linha de passe.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dessa pesquisa, pudemos notar que não se pode mais caracterizar apenas líberos ou ponteiros como jogadores de recepção de uma equipe sem preparar os demais atletas para as circunstâncias impostas pela modalidade. Treinar apenas ponteiros ou líberos como passadores pode não ser a opção mais adequada para o voleibol mais atual e de alto nível, levando em conta que a necessidade ou as opções de utilização de passadores auxiliares está cada vez mais comum com o desenvolvimento e as mudanças do voleibol, a necessidade de utilizar o atleta como opção ou recurso sem o treinamento e o preparo adequado pode custar pontos fundamentais para o resultado final positivo do set ou até mesmo da partida. Nesse trabalho destacamos os pontos principais e de maneira segmentada, como sugestão para que se possa ter uma proposta bem estruturada e progressiva dentro do planejamento dos treinamentos de recepção, seja das categorias de base ou do alto nível, conhecendo de maneira detalhada as variáveis de individualização desse fundamento.

4 REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Entrevista com a Samea Hallage, psicóloga do COB, do Alison e da bases brasileiras.
- FAGUNDES, Felipe Menezes et al. **As interações motrizes do saque e da recepção e suas influências no voleibol: uma compreensão praxiológica.** Motrivivência, Florianópolis, v. 29, p. 225-242, dez. 2017. ISSN 2175-8042. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2017v29nespp225>>.
- FRÖNHER, B. **Voleibol, juegos para el entrenamiento.** – 2ª ed. 2ª reimp. Buenos Aires: Stadium, 2012
- GALLAHUE, D. L.; DONNELLY, F. C. **Educação Física Desenvolvimentista para todas as crianças.** 4ª ed. São Paulo: Phorte, 2008
- MARTIN, D.P.; VOSER, C.R.; SUÑE, R. F. **Análise do passe no voleibol profissional antes e pós inclusão do líbero.** EFDeportes.com, Revista Digital · ano 15 · N° 152 | Buenos Aires, janeiro de 2011 © 1997-2011
- MORAN, José Manuel. **Ensino e aprendizagem inovadores com apoio de tecnologias.** In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. (orgs.) Novas tecnologias e mediação pedagógica. 21ª ed. Rev. e atual. – Campinas, SP: Papirus, 2013, pp. 11- 72.
- Robert S. Weinberg e Daniel Gould, **Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício** (6ª Edição) edição: Artmed Editora, fevereiro de 2017
- SCHMIDT, R.A.; WRISBERG, C.A. **Aprendizagem e performance motora: uma abordagem da aprendizagem baseada no problema.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.